
Jovens, ativismo climático e imaginários políticos

Relatório de análise de grupos de discussão focalizada
Projeto JUSTFUTURES

-

Maio 2023

JUSTFUTURES

*Futuros Climáticos e Transformações Justas:
Narrativas e Imaginários Políticos dos Jovens*

Elaborado por:

Dora Rebelo

Ana Garcia

Tânia Santos

Anabela Carvalho

Carla Malafaia

Maria Fernandes-Jesus



Apresentação

O projeto **JUSTFUTURES - Futuros Climáticos e Transformações Justas: Narrativas e Imaginários Políticos dos Jovens** (<http://justfutures.pt>) pretende analisar o modo como os jovens concebem o seu papel nas transformações sociais, que será necessário implementar nas próximas décadas, no sentido de uma sociedade mais justa e sustentável. Compreender os imaginários dos jovens em relação ao futuro e as suas conceções de agência na mudança social são dimensões centrais deste projeto de investigação, a decorrer desde 2021. O projeto visa também contribuir para a capacitação de grupos de jovens no seu envolvimento com as questões climáticas, e na construção de imaginários políticos futuros. O JustFutures é coordenado pela Universidade do Minho e tem como parceiros o Iscte - Instituto Universitário de Lisboa e a Universidade do Porto (Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação). É financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia através de fundos nacionais: referência PTDC/COM-OUT/7669/2020.

No âmbito da tarefa 4 do projeto, com o título 'Elicitação de imaginários climáticos futuros', foram realizados 22 Grupos de Discussão Focalizada (GDF) com 154 jovens, entre Setembro de 2022 e Abril de 2023. Os participantes tinham idades entre os 13 e os 34 anos e eram residentes em Braga, Grande Porto, Faro, Olhão e Grande Lisboa. Os nossos objetivos eram **1) procurar compreender como lidam os jovens de diferentes contextos e idades com as questões climáticas; e 2) como imaginam alternativas políticas futuras, e como veem o seu papel na construção das mesmas**. Este relatório apresenta uma análise de alguns temas identificados nessas discussões de grupo, utilizando a Análise Temática Reflexiva (Braun & Clarke, 2021).

Esperamos que esta análise ofereça perspetivas interessantes para pensar sobre **formas diversas de participação e envolvimento político**, em relação às questões climáticas, tomando como base as visões atuais e futuras dos jovens participantes. É importante destacar que este relatório apresenta uma análise preliminar, considerando apenas alguns dos resultados. A continuação da análise dos dados irá certamente proporcionar novos ângulos de investigação, em futuras publicações do projeto.

Critérios de recrutamento

Os critérios de recrutamento dos jovens participantes foram (para além da sua motivação para participar no projeto, voluntariamente), **1) a idade** (15 aos 35, embora, excecionalmente, tenhamos admitido alguns jovens com 13 anos, por serem membros ativos de um coletivo), **2) a relação com o ativismo climático** (incluímos, intencionalmente, jovens ativistas e não-ativistas); **3) o contexto social** (incluímos, intencionalmente, jovens migrantes e comunidades em situação de desvantagem socioeconómica); e **4) o local de residência** (Lisboa, Porto e Braga foram os locais inicialmente escolhidos, pela facilidade de acesso da equipa de investigação, mas incluímos posteriormente dois grupos do Algarve, que entraram em contacto com o projeto espontaneamente). Realizámos 20 grupos de discussão presencialmente, nos locais mais acessíveis aos participantes, e 2 grupos de discussão em formato online, para incluir coletivos cujos membros residiam em zonas dispersas pelo país e/ou no estrangeiro.

Contámos com diversos parceiros no recrutamento dos participantes, incluindo o *Programa Escolhas*, a *Associação Animar*, *Associação de Estudantes Angolanos do Porto*, o grupo *Jovens pela Paz*, a *Associação de Estudantes da FPCEUP*, o *Centro Comunitário de Ramalde*, a *Escola Profissional do Infante*, o *projeto NEAR*, a *Europe Direct Algarve*, e vários professores do ensino secundário (Agrupamento de Escolas de Benfica, Agrupamento de Escolas de Paço d'Arcos, Escola Secundária do Campo) e universitário (Universidade Lusófona, Iscte-Instituto Universitário de Lisboa, Universidade do Minho, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto e Faculdade de Economia da Universidade do Porto).

Incluímos diversos coletivos ativistas, alguns dos quais ligados a áreas de intervenção mais vastas que o clima. Assim, contámos com a colaboração de membros da *Greve Climática Estudantil* de Braga, do Porto e de Lisboa, membros da *Comunidade Lidera*, membros da *Scientist Rebellion Portugal*, membros da *Rebelião Climática de Braga*, membros do *Movimento Transformers* e participantes do projeto ambiental *Lix@rte*, no Algarve.

Na **tabela 1** descrevemos os perfis sociodemográficos dos participantes, indicando o número de jovens por grupo, idades, género, o local em que foram facilitados os grupos e as suas características específicas.

Tabela 1: Perfil sociodemográfico dos Grupos de Discussão Focalizada

No.	Part.	Características específicas dos GDF	Idade	Género			Local
				M	F	Não Binário	
GDF1	8	Jovens em desvantagem socioeconómica	15-29	3	5		Lisboa
GDF2	9	Jovens em desvantagem socioeconómica	17-19	2	7		Porto
GDF3	10	Jovens em desvantagem socioeconómica	15-18	6	4		Porto
GDF12	8	Jovens em desvantagem socioeconómica	15-20	4	4		Porto
GDF17	5	Jovens em desvantagem socioeconómica	17	0	5		Porto
GDF8	6	Ativistas Climáticos	21-31	1	5		Braga
GDF9	5	Ativistas Climáticos	15-28	1	3	1	Porto
GDF19	4	Ativistas Climáticos	17-23	0	2	2	Lisboa
GDF21	7	Ativistas Climáticos	28-32	2	5		Lisboa
GDF22	4	Ativistas Climáticos	27-34	1	3		Online
GDF4	5	Ativistas e não-ativistas, universitários	22-28	3	2		Lisboa
GDF13	6	Ativistas e não-ativistas, universitários	17-31	0	6		Online
GDF6	5	Ativistas e não-ativistas, universitários	18-21	3	2		Porto
GDF7	8	Não-ativistas, universitários	18-20	2	6		Porto
GDF5	6	Não-ativistas, universitários	26-34	3	3		Lisboa
GDF16	4	Não-ativistas, universitários	21-28	1	3		Lisboa
GDF10	10	Jovens migrantes	18-30	7	3		Porto
GDF11	5	Jovens migrantes	22-34	0	5		Porto
GDF14	9	Não-ativistas, ensino secundário	13-24	4	5		Olhão
GDF15	9	Não-ativistas, ensino secundário	16-29	3	6		Faro
GDF18	10	Não-ativistas, ensino secundário	16-18	3	7		Lisboa
GDF20	11	Não-ativistas, ensino secundário	17-18	5	7		Lisboa
<i>Total</i>	154			59	92	3	

Análise qualitativa dos Grupos de Discussão

Nesta secção, destacamos os temas mais discutidos nas apresentações iniciais dos participantes, nos grupos de discussão. Tal como se pode verificar na **tabela 2 (pg. 7)**, houve três preocupações principais mencionadas pelos jovens, associadas às suas visões sobre a atual situação climática: **1) as desigualdades globais; 2) as injustiças sociais e 3) a degradação ambiental.**

1. Principais Preocupações dos Jovens

Muitos jovens identificaram o sistema económico global como a base dos problemas climáticos que enfrentamos. Adicionalmente, interesses corporativos e geopolíticos foram descritos como estando sobrepostos aos interesses das pessoas. Nos grupos com jovens migrantes, jovens universitários e jovens ativistas climáticos, foram particularmente enfatizadas estas preocupações, estando frequentemente associadas a emoções negativas e a uma sensação generalizada de impotência, face à influência dos poderes económicos dominantes sobre as alterações climáticas. Vários jovens denominaram, por isso, a situação atual de **crise** ou **emergência climática**.

Participantes não-ativistas centraram as suas maiores preocupações nas injustiças sociais experienciadas diretamente, nos seus contextos quotidianos. Foram enumeradas, por exemplo, dificuldades associadas ao aumento do custo de vida e suas consequências nas vidas dos jovens. Também as injustiças sociais como a discriminação, o *bullying*, o racismo ou a desigualdade de género prevaleceram, nestes grupos de discussão, sobre as preocupações climáticas.

A terceira preocupação que destacamos, com grande expressão nos grupos de discussão com jovens não-ativistas é o da progressiva degradação ambiental, consequência das alterações climáticas. Os jovens demonstraram grande preocupação com a crescente poluição, apontando, em particular, para a acumulação de lixo nos seus entornos mais

próximos (por exemplo, na praia local, nos espaços verdes, no bairro, na comunidade, ou na escola). A degradação ambiental que tem resultado das emissões de dióxido de carbono para a atmosfera foi outra questão mencionada durante as discussões. Vários participantes relacionaram, ainda, as alterações climáticas com os eventos climáticos extremos que se têm feito sentir no planeta. A esse respeito, foram elencadas preocupações com a degradação ambiental global, com o aumento dos desastres naturais, o aumento do número de refugiados climáticos, o crescimento da pobreza extrema e outros problemas humanitários.

Tabela 2: Preocupações em destaque nas discussões de grupo

Preocupações em destaque	Grupos de Discussão (por ordem de frequência dos temas)
<p>Desigualdades Globais</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ <i>Capitalismo (interesses económicos)</i> ▪ <i>Domínio de corporações multinacionais</i> ▪ <i>Desigualdades entre países</i> ▪ <i>Exploração laboral</i> ▪ <i>Desastres naturais no Sul Global</i> 	<p>GDF jovens migrantes</p> <p>GDF jovens universitários</p> <p>GDF jovens ativistas climáticos</p>
<p>Injustiças Sociais</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ <i>Acesso desigual a recursos locais (escola, bairro, transportes e mobilidade, qualidade do ensino)</i> ▪ <i>Discriminações sociais (disparidades económicas, racismo, bullying, desigualdade de género)</i> 	<p>GDF jovens em desvantagem socioeconómica</p> <p>GDF jovens ensino secundário</p> <p>GDF jovens ativistas climáticos</p>
<p>Degradação Ambiental</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ <i>Lixo e poluição ambiental</i> ▪ <i>Emissões de dióxido de carbono</i> ▪ <i>Eventos climáticos extremos</i> ▪ <i>Desflorestamento</i> ▪ <i>Extinção de espécies</i> ▪ <i>Desequilíbrio na biodiversidade</i> 	<p>GDF jovens ensino secundário</p> <p>GDF jovens em desvantagem socioeconómica</p> <p>GDF jovens universitários</p>

2. Formas de lidar com as questões climáticas

Os jovens que participaram nos GDF posicionaram-se face às alterações climáticas de formas diversas. De acordo com o seu sentido de poder e de responsabilidade social, e de acordo com os seus desejos e oportunidades, os participantes assumiram papéis distintos face a esta causa social. A interseccionalidade (*a forma como as várias identidades sociais, como o género, a pertença étnico-racial, a classe social, entre outras, interagem entre si e com os sistemas de poder dominantes na sociedade*) tem aqui um papel fundamental, enquanto lente de observação das relações dos jovens com as estruturas sociais que os envolvem. Por exemplo, ser jovem migrante numa sociedade de acolhimento que coloca obstáculos estruturais à participação cívica e política pode restringir o arbítrio individual. Os jovens não são passivos em relação a estas dinâmicas sociais, podendo mobilizar a sua agência para negociar posições e representações. Embora absorvam alguns condicionamentos sociais, os grupos de discussão revelam que os jovens também resistem e criam possibilidades, na interação com as suas comunidades e grupos de pertença. A experiência vivida da cidadania juvenil relaciona-se, assim, com diferentes formas de fazer política, incluindo ações formais e informais.

Se, por um lado, a questão climática foi declarada, pela maioria dos participantes, como relevante, e com um impacto significativo nas suas vidas; por outro lado, nem todos os jovens lidam com as alterações climáticas da mesma forma. Para ilustrar as diferentes formas de ação utilizadas pelos participantes dos 22 grupos de discussão, destacamos na **tabela 3 (pg. 9): 1) ações individuais; 2) ações coletivas; 3) ativismo(s) climático(s)**. As primeiras têm a ver com as ações quotidianas tomadas por indivíduos para minimizar ou mitigar problemas ambientais (e.g. fazer reciclagem, praticar formas de consumo consciente, etc.). As segundas (ações coletivas) têm a ver com projetos de cariz comunitário e local, com o objetivo de melhorar a relação das comunidades com o ambiente ou o conhecimento sobre questões ambientais. As terceiras (ativismo(s) climático(s)) representam formas de

ação que os jovens mencionaram como tendo uma intenção política; isto é, o intuito de intervir sobre as decisões relacionadas com questões climáticas.

Tabela 3: Formas de lidar com as alterações climáticas

Formas de lidar com as alterações climáticas	Grupos de Discussão (por ordem de frequência dos temas)
<p>Ações individuais</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ <i>Reciclagem</i> ▪ <i>Consumo consciente</i> ▪ <i>Reutilização e reparação</i> ▪ <i>Alimentação vegana</i> ▪ <i>Mobilidade consciente</i> ▪ <i>Poupança de energia</i> ▪ <i>Boicote de produtos</i> ▪ <i>Educação autodidata</i> 	<p><i>GDF jovens ensino secundário</i></p> <p><i>GDF jovens universitários</i></p> <p><i>GDF jovens em desvantagem socioeconómica</i></p>
<p>Ações coletivas</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ <i>Ações de limpeza (praia, floresta, escola, bairro)</i> ▪ <i>Restauração/reabilitação de espaços degradados</i> ▪ <i>Ações de sensibilização</i> ▪ <i>Projetos artísticos</i> ▪ <i>Conferências/debates/palestras</i> 	<p><i>GDF jovens ensino secundário</i></p> <p><i>GDF jovens ativistas climáticos</i></p> <p><i>GDF jovens em desvantagem socioeconómica</i></p>
<p>Ativismo(s) climático(s)</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ <i>Manifestações e Protestos</i> ▪ <i>Palestras e formações</i> ▪ <i>Campanhas de sensibilização</i> ▪ <i>Ações diretas/desobediência civil</i> ▪ <i>Assembleias abertas</i> ▪ <i>Ativismo Digital (e.g. petições)</i> ▪ <i>Interações com sistema político</i> ▪ <i>Artivismo</i> 	<p><i>GDF jovens ativistas climáticos</i></p> <p><i>GDF jovens universitários</i></p>

2.1. Possibilidades de ação climática

Apresentamos, em seguida, duas tendências que se destacaram, nos grupos de discussão, quando os participantes falaram sobre as suas possibilidades e experiências de ação

climática. Sumarizamos estas duas ideias centrais, em duas frases: **1) Queremos agir, mas nem todos o podemos fazer de igual forma; 2) Queremos participar nas decisões, mas não temos espaço de influência.**

2.1.1. Queremos agir, mas nem todos o podemos fazer de igual forma

A maioria dos participantes considera ter alguma responsabilidade, poder e capacidade de ação face às alterações climáticas. No entanto, muitos não consideraram ter poder suficiente para influenciar as **decisões políticas** necessárias. Outros participantes, particularmente aqueles que se sentem diretamente afetados por desigualdades socioeconómicas, priorizam áreas de ação política que consideram mais relevantes ou mais urgentes. Por exemplo, mobilizam projetos comunitários para confrontar diretamente problemas como a pobreza, discriminação racial, o *bullying*, ou a desigualdade de género.

Facilitadora: Ok. Temas super importantes, então, temos a desigualdade de género, o racismo, esta questão do *bullying*...

Mariana: Eu tinha mais um

Facilitadora: Sim?

Mariana: Eu inicialmente vou criar um projeto que consiste numa campanha solidária, hum, que vai ser lançada na altura do Natal, é uma iniciativa minha, e sou a única que está a fazer tudo, que neste caso ainda não saiu, mas vai sair, que consiste em angariar alimentos que não tenham necessidade de ser confeccionados, hum, cobertores, mantas e produtos de higiene, para entrar em contacto com as Câmaras, para distribuir aos sem-abrigo na altura natalícia, porque é algo que me toca, visto que já estive em situações parecidas e não...nunca tive ajuda, então...mexe-me um pouco comigo e posso dizer que todos os dias...normalmente quando saio do trabalho eu distribuo sempre comida, nem que seja só a uma pessoa, mas tenho a iniciativa de fazer isso.

Facilitadora: E começaste tu sozinha esta campanha, é isso?

Mariana: Sim. Vou começar. Neste caso eu até pedi ajuda à escola. Mas, se for possível, a escola ajudará, se não for possível será sozinha. (Mariana, GDF2, 17 anos)

2.1.2. Queremos participar nas decisões, mas não temos espaço de influência

Foram frequentes os diálogos em que os participantes expressaram não conseguir aceder a um espaço de influência que lhes permitisse “mudar as coisas”. Este sentido de falta de influência (para mudar decisões políticas relativas ao clima) foi associada a várias barreiras, que elencamos com maior detalhe na **tabela 4 (pg. 11)**.

Tabela 4: Barreiras à participação e à ação climática

Tipo de Barreiras	Grupos de Discussão (por ordem de frequência dos temas)
<p>Barreiras do sistema político (ex. falta de acesso, pouca informação sobre as decisões políticas, desconfiança)</p>	<p><i>GDF jovens universitários</i></p> <p><i>GDF jovens ensino secundário</i></p> <p><i>GDF jovens em desvantagem socioeconómica</i></p> <p><i>GDF jovens ativistas e ativistas climáticos</i></p>
<p>Barreiras do sistema económico (ex. falta de acesso a recursos como transportes, serviços, educação/informação sobre questões climáticas, precariedade, aumento do custo de vida)</p>	<p><i>GDF jovens em desvantagem socioeconómica</i></p> <p><i>GDF jovens ensino secundário</i></p> <p><i>GDF jovens ativistas e ativistas climáticos</i></p>
<p>Barreiras da vida quotidiana (ex. conciliação de várias responsabilidades académicas e familiares)</p>	<p><i>GDF jovens universitários</i></p> <p><i>GDF jovens ensino secundário</i></p> <p><i>GDF jovens ativistas e ativistas climáticos</i></p>
<p>Adultismo (ex. desvalorização por parte dos adultos, sensação de “não ser levado a sério”)</p>	<p><i>GDF jovens do ensino secundário</i></p> <p><i>GDF jovens ativistas/ativistas climáticos</i></p> <p><i>GDF jovens em desvantagem socioeconómica</i></p>

Como podemos ver na **tabela 4**, por um lado, os jovens consideram que existem várias **barreiras do sistema político**. A maioria dos participantes partilha uma visão negativa da política institucional, considerando que esta não tem um impacto significativo nas questões climáticas (e mesmo noutras questões relevantes para as suas vidas). Associadas a estas, foram ainda elencadas **barreiras do sistema económico**, como a precariedade, a falta de

acesso a recursos importantes como transportes e serviços, e o aumento do custo de vida. Por outro lado, os jovens mencionaram diversas **barreiras da vida cotidiana**, ou seja, dificuldades e responsabilidades diárias, que os condicionam na sua capacidade de participação cidadã. Por exemplo, a falta de tempo e capacidade para conciliar responsabilidades familiares e acadêmicas, e ainda poder dedicar-se a atividades cívicas, como o ativismo climático.

O adultismo, isto é, as relações de poder exercidas pelos adultos, face aos jovens, surge como outra barreira importante, particularmente para os jovens que ainda não são autónomos. Quando se trata de decisões relacionadas com o clima, os jovens concordam que são subestimados, quer pela sua idade, quer por preconceitos associados à mesma (por exemplo, a crença frequentemente veiculada por adultos, de que os jovens não têm nem o conhecimento nem a experiência de vida necessários para saberem o que querem). Nem todos os participantes acreditam que têm os recursos suficientes para tomar decisões sobre o clima, de forma independente, mas uma afirmação predominante nas discussões de grupo é que os jovens **podem oferecer novas perspetivas e conhecimentos únicos, justamente com base nas suas experiências de vida.**

Eles [referindo aos adultos] têm de parar de fingir que não estamos informados, que não queremos saber, que temos 10 anos. Conheço crianças de 10 anos que têm mais consciência do que adultos (...) Valorizo a experiência que os adultos têm, mas é preciso conversar e trocar ideias. Não podem dizer: "Eu estou no comando, estou aqui e tu tens que trabalhar muito mais para chegar aonde eu estou, ou algo assim..." (Noa, GDF13, 19 anos)

2.2. Modos de 'fazer' ativismo climático

Elencamos, em seguida, duas ideias que se salientaram nos cinco grupos de discussão com ativistas climáticos: **1) Existem várias formas de ativismo climático; 2) Agir já, para transformar depois** (que sublinha a grande importância dada à urgência da ação climática pelos coletivos ativistas).

2.2.1. Existem várias formas de ativismo climático

Foram realizados cinco GDF exclusivamente com ativistas climáticos, incluindo jovens de vários pontos do país, de várias idades (entre os 16 e os 34 anos) e contextos socioeconômicos.

Nestes grupos de discussão, verificamos que existem formas diversas de entender o que é o ativismo climático, e como deve ser feito. Tendo em comum o objetivo de contornar as barreiras atrás referidas, para encontrar possibilidades de mobilização e de influência, os jovens ativistas divergem quanto aos métodos de ação mais eficazes. Destacamos, na **tabela 5 (pg. 14)** quatro formas de ativismo climático mencionadas pelos participantes nos cinco grupos ativistas climáticos: **1) Interações com o sistema político; 2) Sensibilização e mobilização da comunidade; 3) Protestos e manifestações; 4) Desobediência civil.**

Na segunda coluna, indicamos alguns exemplos ilustrativos de cada uma destas formas de ativismo climático. Na terceira coluna, apresentamos algumas opiniões e visões divergentes face a essas formas de ativismo, também mencionadas por jovens ativistas climáticos, durante as discussões em grupo.

Este confronto de ideias reforça a noção de que os vários métodos de ativismo climático são co-construídos a partir das subjetividades das pessoas que integram os diferentes coletivos. De acordo com os participantes, fazer ativismo é um exercício de experimentação que envolve a delimitação e a expansão de possibilidades, através de vivências e experiências, quer individuais, quer coletivas.

Tabela 5. Tipos de ativismo e visões divergentes, entre jovens ativistas climáticos

Tipo de ativismo	Exemplos	Críticas
Interações com o sistema político	<i>“Participação em assembleias, associações, Parlamento dos Jovens, Criação de projetos e propostas políticas, debate com decisores”</i>	<i>“Não adianta, o sistema não é nosso aliado, o sistema político não vai mudar, não acredito em políticos”</i>
Sensibilização e mobilização da comunidade	<i>“Dar mais informação, fazer formação em ciência climática, criar ações comunitárias, criar debate entre as pessoas, criar sinergias, trabalhar com as pessoas”</i>	<i>“É difícil mobilizar pessoas, o ativismo é difícil, não acreditam em nós, as pessoas têm vidas muito complicadas, não há tempo, não existem espaços para estas ações, as pessoas não querem mudar, não temos conhecimento suficiente”</i>
Protestos e manifestações	<i>“Fazer-nos ouvir, usar o megafone, dar a nossa opinião, mostrar oposição, dar visibilidade a esta luta, mobilizar mais pessoas, gerar debate, ganhar aliados, criar sinergias com a comunidade internacional”</i>	<i>“Ativismo “fofinho”, ações performativas, pouco eficaz, não adianta, os media não ligam, pouca mobilização, pouca diferença nas políticas”</i>
Desobediência civil	<i>“Mudar o sistema, não o clima, criar disrupção para parar a destruição, eles não vão parar, temos que ser nós a pará-los, sem sacrifício não existe êxito na luta pelos direitos, isto é um conflito, e nós estamos a perder”</i>	<i>“Demasiado radical, ações pouco claras para o público não-ativista, pouca comunicação com as pessoas, muito difícil, medo das consequências”</i>

2.2.2. Agir já, para transformar depois

Uma característica comum no ativismo climático, mobilizado a partir dos coletivos aos quais pertencem os participantes dos cinco GDF, é a sensação de **urgência da ação climática**.

Percebemos, a partir das discussões com ativistas climáticos, que a urgência e a responsabilidade por agir são sentidas na pele por estes jovens: **se não formos nós, quem vai fazer alguma coisa?** A urgência é acompanhada de alguma esperança e energia coletiva para “mudar as coisas”, **no futuro**, mas também de muita ansiedade e frustração, pelas dificuldades acumuladas **no presente**. Algumas das dificuldades mencionadas, em ativismo climático, foram a mobilização de pessoas (particularmente fora dos centros urbanos), as exigências em termos de disponibilidade e de recursos (que leva a uma elevada taxa de desistência), a descredibilização do ativismo climático jovem (pelos adultos), e a dificuldade em definir uma estratégia a longo prazo.

A maioria dos jovens ativistas climáticos ganhou consciência sobre os desafios climáticos desde cedo, a partir das suas redes informais de socialização, ou a partir de um determinado evento crítico (por exemplo, um documentário, um livro, uma exposição, uma viagem, uma conversa com um amigo, ou uma aula). Muitos assumiram um sentido de responsabilidade de ação **pessoal**, antes de contactarem com um coletivo climático, mas foi dentro do coletivo que desenvolveram as suas ideias e os seus ideais. A maioria dos ativistas descreve o seu percurso como uma “descoberta de caminhos”, um processo inacabado, em permanente diálogo e construção.

...E nas primeiras ocupações eu fiquei muito ativa, ou seja, dediquei muito tempo às ocupações mas não, não parto do, pronto, do coletivo mobilizador da greve, mas no meu núcleo da escola (...) eu dediquei muito tempo a isso e gostei muito de fazer isso, deu-me muito...pronto...percebi que era exaustivo, mas percebi que era um papel que...que eu... que eu gostava e que eu fazia bem no sentido em que tinha paixão então...ah... e sabia que precisava estar a fazer... ah, portanto percebi que tinha que me juntar a algo mais...ah... const...não sei...forte...e já uma organização...e.... pronto...e agora estou em descoberta. (Frederica, GDF19, 17 anos)

Outras transformações sentidas pelos jovens ativistas climáticos, a partir da sua participação em coletivos ativistas, são o aumento de consciência sobre outras lutas sociais, e a maior

participação em campanhas e eventos de solidariedade de outros coletivos ativistas. Quase todos os jovens ativistas climáticos discutiram preocupações e interesses noutras áreas de intervenção política. A partir das interações com o movimento ativista climático, parecem ter surgido oportunidades de maior conhecimento, e envolvimento direto noutras causas sociais. Esta sensação de interligação entre várias áreas de ativismo (por exemplo, a luta pela habitação, os movimentos feministas, os movimentos antifascistas, os movimentos LGBTIA+, e os movimentos antirracistas) é mobilizadora de novas pertenças, de solidariedade e colaboração, e de partilha de novas ideias na construção de futuros mais justos e inclusivos.

Facilitadora: *Portanto, isso relaciona-se com a forma como lidamos com as alterações climáticas, ação coletiva e aí também deste um foco à representatividade.*

Tatiana: *Sim, acho que isso é muito importante, a interseccionalidade em todas as lutas, porque está tudo interligado, quer queiramos quer não. Como a S. estava a dizer, não é, se não funcionar tudo em conjunto nada se resolve, temos de ter uma perspetiva mais ampla e mais holística, e às vezes não podemos olhar para uma imagem muito pequenina como se fosse um puzzle, mas não, é a imagem completa que cria, e realmente para não cair na parte mais pessimista em olhar para as alterações climáticas, o ativismo ainda me dá um bocadinho de esperança... quando se vai para a rua e se vê que naquele dia, em tantas partes do mundo, as pessoas se estão a juntar por um objetivo comum, porque temos medo do que possa acontecer e a forma como reagimos face a esse medo e essa quase impotência que sentimos, é, realmente, juntarmo-nos todas e todos para fazer a diferença, ou tentar chamar à atenção com o megafone (Tatiana, GDF8, 24 anos).*

Outra questão trazida às discussões de grupo pelos ativistas climáticos, foi a pluralidade de opiniões e visões ideológicas, dentro dos coletivos climáticos. Compostos maioritariamente por jovens que parecem identificar-se com ideologias de esquerda, os coletivos ativistas climáticos rejeitam (na sua maioria) o partidarismo político, e consideram possível colaborar com pessoas com diferentes preferências.

Em resumo, pode dizer-se que os movimentos ativistas climáticos são também espaços de experimentação e ensaio de possibilidades, cujas aprendizagens e resultados vão contribuindo e alimentando as suas próprias (re)configurações, a partir da partilha de vivências de cidadania. São também, como iremos ver de seguida, espaços de imaginação.

3. Imaginando possibilidades futuras

A imaginação é uma maneira de nos orientarmos mentalmente para possibilidades e alternativas de transformação da nossa realidade. Quisemos saber, junto dos participantes nos GDF, como os jovens concebiam possibilidades políticas alternativas, que os ajudassem a lidar melhor com as alterações climáticas.

Esta imaginação política dos participantes foi elicitada a partir de questões como: *de que maneira acham que podemos organizar-nos melhor, para lidar com as alterações climáticas?* Constatámos, antes de mais, que este exercício de imaginação política foi desafiante, para a maior parte dos jovens, mas, particularmente, para os jovens não-ativistas. Conceber formas alternativas de organização da sociedade pareceu-lhes complexo, por vários motivos. Muitos jovens começaram imediatamente por dizer **'não consigo imaginar'** ou **'isso é muito difícil'**. Quando procurámos saber melhor quais eram as dificuldades para imaginar, percebemos que havia, por um lado, uma sensação generalizada de falta de informação sobre as questões climáticas, e sobre o que podia ser feito para agir sobre elas. Outra barreira importante, transversal a vários GDF, foi a sensação de **pessimismo face ao futuro**, ou seja, não acreditar que seja viável mudar o rumo das alterações climáticas e das suas devastadoras consequências no planeta.

Facilitadora: *Então a tua previsão é que haja um colapso [RISOS] uma nova...[Heidi: eu acho que vai ficar insustentável ao ponto de colapsar mesmo] pandemia, mas colapsar, o quê? o sistema económico?*
Heidi: *Tudo. Tipo, vai faltar água, vai faltar comida, é... pode dar alguma doença, vai colapsar de uma maneira... o... planeta eu acho que ele é cíclico, n'ê, sempre está vendo, vindo, limpando, limpando, e... desastres naturais, nan-nan-nan, a natureza sempre sobressai. E de alguma maneira isso vai fazer isso de novo, dá uma limpada na gente, e a gente vai ter que aprender a lidar, conviver e coexistir com ela, não só... sugar, sugar, sugar. (Heidi, GDF11, 22 anos)*

Associado a este pessimismo pragmático, sobre o rumo das alterações climáticas no planeta, foi referida a ausência de ferramentas suficientes para intervir sobre as políticas climáticas. A sensação de falta de poder e de influência política foram expressos, em particular, por jovens não-ativistas, por exemplo, com frases como **'não posso ser eu a criar alternativas'**, ou **'não tenho criatividade para imaginar um sistema alternativo'**. Nos GDF em que foi

possível imaginar algumas transformações futuras, destacamos as seguintes ideias centrais, de mudanças desejadas pelos jovens (**tabela 6**).

Tabela 6. Transformações futuras imaginadas pelos jovens

Alternativas ao Capitalismo
Mais participação política (diversidade e representatividade)
Melhorias no sistema educativo
Democracia mais participativa
Otimização da distribuição de recursos
Mais gestão local/descentralização
Melhor inclusão social
Mais efetiva cooperação internacional
Reorganização do trabalho (menos horas, menos produção)
Mais justiça social

3.1. Imaginários futuros alternativos

A partir das ideias centrais descritas acima, extraídas das discussões em grupo sobre futuros alternativos imaginados pelos participantes, resumimos duas visões presentes no discurso dos jovens: **1) saber mais para fazer melhor; 2) ter menos para obter mais.**

3.1.1. Saber mais para fazer melhor

Na sequência das ideias já reportadas, sabemos que a maioria dos participantes (com destaque para os jovens não-ativistas), expressou sentir falta de **mais informação e educação climática**, para poder responder de forma mais segura, aos desafios atuais. Apesar dos jovens quererem envolver-se nas decisões que terão impacto sobre o seu futuro,

aqueles que não estão diretamente envolvidos com esta temática, sentem falta de recursos-chave, que lhes permitam tomar decisões mais conscientes e informadas. Vimos, neste relatório, que alguns desses recursos-chave estão relacionados com ferramentas políticas, que lhes permitam influenciar políticas climáticas. O ceticismo dos jovens sobre as possibilidades de transformação política, é atribuído, em grande parte, à desconfiança generalizada do sistema político institucional.

Assim, quando pedimos aos jovens que pensassem sobre futuros que eles considerassem **possíveis**, os participantes não-ativistas elencaram, sobretudo, cenários de mitigação e de adaptação, a partir de inovações tecnológicas, ou avanços científicos. Muitos jovens depositam, assim, a sua esperança na ciência, enquanto entidade que, no presente, tem maior legitimidade e poder, para influenciar decisões climáticas. Em resumo, grande parte dos jovens que não têm estado ligados a coletivos ativistas climáticos, acredita que 'é preciso saber mais, para fazer melhor'.

Bibiana: *Eu estou a falar agora do futuro próximo, porque eu estou no 12º ano, mas se calhar daqui a uns anos vou ter mais experiência para apresentar, porque eu acho que além de falarmos com os políticos, como elas referiram, eu acredito que nós também devemos procurar soluções práticas, e soluções que englobem só, que às vezes nós esquecemos daquela parte capitalista da nossa sociedade, nós nunca vamos conseguir eliminar isso completamente, nunca vamos conseguir eliminar as marcas e isso, tudo isso nós nunca vamos poder eliminar isso completamente. Portanto eu acho que nós, além de encontrar soluções na legislação, e mais soluções mais abrangentes, nós temos que encontrar soluções práticas e acho que a tecnologia poderá ser o futuro para isso*

Brígida: *E se for é só para os ricos*

Bibiana: *(...) Eu acho que há soluções tecnológicas para mitigar e acho que o homem tem de pensar, o homem ser humano, homem ou a mulher, não é? consegue. Já conseguiu solucionar "n" problemas, desde como já tinha falado a I. que estava aqui, conseguiu reduzir o, ai, o buraco do ozono, porque nós nos unimos, as nossas vontades se uniram e chegaram àquilo que está agora, que é, que já está mais controlado. E foi porquê? Porque encontramos outros químicos para substituir os CFC, que estavam a causar o buraco. Então nós agora também vamos encontrar uma solução bio, hum, tecnológica, nós conseguimos, nós temos essa mente, eu agora se calhar não tenho a capacidade para fazer isso, mas no futuro se calhar posso fazer, e acho que há outros jovens que pensam assim.*

Paula: *Eu agora lembrei-me, de um jovem também universitário, já não me lembro o país, que inventou uma máquina para captar pá, aquelas ilhas de lixo no oceano de uma forma mais ecológica. Ou seja, tira não só o lixo [Exato] como o destrói sem poluir o oceano, tanto. [Sim].*

Beta: *O que mais falta são essas soluções que conseguem...*

Facilitadora: *Portanto na tua perspetiva, se daqui para a frente fosse feito um investimento um bocadinho mais claro na tecnologia, na investigação, nas soluções mais sustentáveis, nós podíamos*

caminhar para esta utopia, seja ela qual for, seja outra comunidade, outro planeta, uma maneira de sairmos desta situação?

((Várias vozes concordam))

(Bibiana, Brígida, Paula e Beta, GDF15, 17 anos).

3.1.2. Ter menos para obter mais

A ideia de 'ter menos' (reduzir o consumo, simplificar o estilo de vida) foi referida por muitos participantes como uma forma de 'obter mais' no futuro (mais qualidade de vida, melhores condições para o planeta). Com esta ideia em mente, vários jovens visualizaram e descreveram formas de convivência social e comunitária mais centradas nas pessoas, na melhoria da qualidade de vida, e na maior conexão entre pessoas e natureza.

Para chegar a estes futuros alternativos mais simples, os jovens descreveram maneiras diferentes de se organizar, em que um dos denominadores comuns foi a justiça social. Por exemplo, foi sugerido dar maior atenção a questões como a qualidade da educação, o acesso à habitação, à saúde e ao emprego, e atender melhor às necessidades das pessoas mais vulneráveis, nas comunidades.

Para transformar a realidade política neste sentido, de maior justiça social, a maioria dos jovens não conseguiu avançar com propostas muito concretas. Os jovens ativistas climáticos, bem como alguns jovens migrantes, avançaram com hipóteses como a governança descentralizada (com uma maior autonomia das comunidades locais), a reformulação do modelo de democracia atual (por exemplo, inspirando-nos em ideais como o decrescimento, a filosofia '*Buen Vivir*', a filosofia '*Ubuntu*', entre outros).

Paula: *Eu acho que isso vai sempre passar por uma questão que nós também já falámos várias vezes que é o degrowth. Que é o pessoal do norte global tem de perceber que este modo de vida que nós temos, não é sustentável. Porque obviamente a sul global também a quer ter e tem todo o direito de o querer ter, porque eles foram em grande parte explorados para nós o termos. Só que não dá para toda a gente ter. E nós vamos ter que também, como a Alice estava a dizer, nós vamos ter de diminuir a qualidade de vida, ninguém quer isso, ninguém quer isso. Mas inevitavelmente tem de passar, porque nós não podemos ter uma Europa no mundo inteiro, a quantidade de recursos que... isso não é viável.*

Marta: *Mas nós não estamos a diminuir a qualidade de vida*

Alice: *É repensar a qualidade de vida.*

Marta: *É porque as pessoas associam a qualidade de vida a teres mais e a teres isto e é mostrar às pessoas que tens mais qualidade de vida sem teres necessariamente que...*

Paula: *Comprar roupa todas as semanas.*

Marta: *Sim, é isto. Não têm nada qualidade... coitados. Se calhar compram, passado um bocado chegam a casa e muitas nem usam, fica ali... que felicidade. Mas é isso, temos que mudar a mentalidade das pessoas...*

Alice: *É o capita... (sussurrando e não chega a terminar a palavra)*

Paula: *É a sociedade consumista, ya vai dar ao mesmo.*

(Paula, Marta e Alice, GDF21, 28, 29 e 28 anos)

Reflexões Finais

Numa primeira análise aos vinte e dois grupos de discussão focalizada, realizados entre Setembro de 2022 e Abril de 2023, concluímos que existe uma enorme diversidade na forma como os jovens veem e se envolvem com os desafios climáticos atuais. Existem linhas comuns na descrição da problemática do clima, nomeadamente na atribuição de responsabilidades aos sistemas político e económico. No entanto, quando falamos de prioridades e de formas de participação política, foram assinaladas várias digressões.

Se é certo que a maioria dos jovens quer tomar parte nas decisões críticas que vão afetar os seus futuros, nem todos sentem que têm o poder e as ferramentas necessárias para agir sobre o clima, particularmente nas decisões políticas que o afetam.

Verificamos, também, que embora as questões climáticas sejam valorizadas e vistas como relevantes para as vidas dos jovens, nem todos as consideram prioritárias. Por exemplo, os jovens diretamente afetados por barreiras estruturais como a pobreza ou a discriminação social consideram outras lutas sociais e políticas mais urgentes.

Assinalamos a presença de um forte ceticismo, transversal entre os participantes, quanto às possibilidades de transformação da realidade climática, a partir da ação política. A esse respeito, assinalamos que os jovens não-ativistas depositam mais a sua esperança na ciência, do que na ação sociopolítica, aspirando a transformações tecnológicas que nos ajudem a mitigar a atual situação climática. Para os jovens ativistas climáticos, a ação

climática é urgente e deve ser política, mas necessita de uma maior mobilização social, para ser eficaz.

No que toca ao modo como imaginam futuros políticos alternativos, salienta-se a dificuldade dos jovens em formular novas possibilidades, além do seu ceticismo sobre as reais possibilidades de mudança. Verificamos, ainda assim, que existem alinhamentos no que toca à necessidade de alterar estilos de vida, se queremos construir futuros mais justos. A solidariedade e a justiça social à escala global foram centrais nos imaginários futuros de muitos jovens, quer ativistas quer não-ativistas. Sendo os coletivos ativistas climáticos espaços de construção de possibilidades e estratégias de experimentação política, os jovens a eles associados expressam uma maior predisposição para participar na construção de mudanças, e para determinar quais devem ser as prioridades de transformação futura.

Os jovens indicam-nos, cada um da sua forma, quererem contribuir para processos de tomada de decisão mais inclusivos sobre o clima, em que não se esqueça o papel preponderante que eles próprios poderão vir a desempenhar. Este papel vai sendo, entretanto, construído em espaços de sociabilidade comunitários, nas cidades, bairros e escolas, e entre pares, através da formação de afinidades e da criação de oportunidades de atuação individual e coletiva. No entanto, para que estes espaços sejam potenciadores de uma participação cidadã mais efetiva, os jovens reivindicam maior acesso a informação e educação climáticas, maior inclusão em tomadas de decisão política, e melhor representatividade em espaços de poder.

